

Jornal da

Brasileira



SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 28, nº1, JUNHO 2025



ENVELHECER

Editorial



Envelhecer é a temática escondida para esta edição do jornal. Será que estamos prontos e preparados para o envelhecer? Nossa sociedade tem condições de acolher o idoso? Na medida em que este é um processo inevitável do ser humano, temos que refletir e nos preparar para vivenciar melhor essa fase, e com qualidade de vida.

A passagem do tempo nos impacta e traz consequências para o corpo que são difíceis de disfarçar. A pele envelhecida, os cabelos brancos e o caminhar mais lento são marcas inquestionáveis desse processo. A vivência desta caminhada nos abastece de uma bagagem de vida, inclusive cultural, que certamente faz a diferença, denotando os ganhos desse processo.

Deparamo-nos com perdas, sim. Da juventude? É verdade. Nossa sociedade preconiza a estética, a jovialidade e o culto ao corpo, mas esperamos que o envelhecer

possa ocorrer com dignidade, pois seguir adiante é um privilégio que nem todos desfrutam; na verdade, é uma vitória. O medo do envelhecer é normal, pois o preconceito com esta faixa etária não é raro. Perder a independência e a autonomia toca profundamente nas feridas narcísicas, enfrentando um luto do que já não existe mais e sem possibilidades de voltar a ser.

Sim, temos dificuldade de lidar com a finitude. Esse é o enigma maior de todos! Esta edição traz reflexões, entrevista, conto, poesia e muito mais como auxílio para enfrentar o que não passa por nossa escolha, mas sim, por um percorrido que pode ser realizado com mais prazer. É na juventude que nos preparamos para a nossa velhice. Envelhecer requer sabedoria para desfrutar da esperança de vida. Vamos pensar nisso? Aproveite esta leitura!

Katya de Azevedo Araújo
Diretora de Publicações

Poesia

AMADO

Amado, meu amado
Cento fechado?
Estás preocupado?
Seria um mau olhado?
Ou um fado desalmado
Que te deixa angustiado
Não pensa no passado
Vê, estou a teu lado
Não fica contrariado
Sorri
Não é o que tens pensado
Vê, estou a teu lado
Doce pessoa
Não te sintas enjaulado
Estou aqui para o que der e vier

Te sinta abraçado
Amado
Corre, vem para o meu lado
Doce pessoa
Não te sintas contrariado
Vem para o meu lado
Amado, meu amado
Será que fiz algo errado?
Ou algum pecado?
Te deixei magoado?
Mas vê, estou a teu lado
Amado

Jeanete Suzana Negretto Sacchet
Psicanalista

Jornal da Brasileira

EXPEDIENTE

Editora:
Katya de Azevedo Araújo

Conselho Editorial:
Fatima Tonolli Fedrizzi, Iuri Ismael Pedroso de Oliveira, Jeanete Sacchet, Júlio Sperb e Nicole Campagnolo

Assistente Editorial:

Lorraine Luz

Revisão de português:

Débora Jael

Diagramação:

Marcelo Pereira Teixeira

Capa:

Micaela Feijó Wünsch

Secretária:

Jamile Nogueira

DIRETORIA

Presidente:
Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

Vice-presidente:
Denise Zimpek Teixeira Pereira

Tesoureira:

Tamara Barcellos Ferreira

Diretora Administrativa:

Mara Loeni Horta Barbosa

Diretora Científica:

Janine Maria de Oliveira Severo

Diretora de Publicações:

Katya de Azevedo Araújo

Diretora de Divulgação:

Heloisa Zimmermann

Diretora de Comunidade e Cultura:

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Diretor do Centro de Atendimento Psicanalítico:

José Ricardo Pinto de Abreu

INSTITUTO DE PSICANALÍSE

Diretora:
Vera Maria H. Pereira de Mello

Secretária:

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Coordenadora da Comissão de Formação:

Cynara Cezar Kopitke

Coordenadora da Comissão de Seminários:

Silvia Stifelman Katz

Coordenadora da Comissão de Formação Integrada em Psicanálise da Infância e da Adolescência:

Ester Malque Litvin

DIRETORIA DA AMI

Presidente:
Marcela Pohlmann

Vice-Presidente:

Nicole Campagnolo

Secretária:

Marta M. Stumpf

Tesoureiro:

Iuri Ismael P. Oliveira

Conselheira Egresso:

Aline Santos e Silva

Conselheira MI:

Vládia Zenkner Schmidt

Memórias e Arquivos da SBPdePA:
Jeanete Suzana Negretto Sacchet

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07, Moinhos de Vento CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857
www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente



Como o tema desta edição é o envelhecer, como estímulo para pensar, vou trazer a vocês algumas considerações sobre a passagem do tempo que foram trazidas na última Jornada do Instituto de Psicossomática Pierre Marty, *Tempos e Contratempos*.

Diana Tabacof, Presidente do IPSO e uma das convidadas da nossa Jornada, referiu-se ao antropólogo britânico Tim Ingold que desenvolve, segundo um artigo publicado no *Le Monde* há algumas semanas, um pensamento sobre o tempo, a vida e a transmissão, as formas de continuidade entre as gerações em ruptura com os modelos lineares e objetivantes da história ou da evolução. Ingold defende que o passado não está fechado, mas é levado para frente pelos seres vivos numa transmissão ativa, encarnada, afetiva.

Tim Ingold propõe uma visão do tempo em que o passado não se apaga diante de um *para frente*, de um *antes congelado*, mas se prolonga ativamente nos gestos do presente. O tema da trançagem, das tranças, é uma metáfora do emaranhado das gerações durante todo o mesmo movimento de vida, de um conceito de gerações consideradas como pedaços cortados e empilhados. Ele encontra, na colaboração entre as gerações, nessa trançagem, o próprio sentido da continuidade da vida, a sua preocupação maior sendo a de cuidar da relação entre passado e futuro.

Segundo Diana, o tempo psíquico que buscamos atribuir com o nosso paciente não é tão óbvio.

Entre dissonâncias e síncopes, ele se fragmenta, se suspende, é jogado, é jogado novamente, se desfaz. O contratempo se torna, sim, operador de transformações quando se insere no enquadre analítico e na diáde paciente-analista. E o tempo da morte? Um tempo desintrincado, entrópico, suspenso que gera, quando a clivagem é abalada, regressões de diversos tipos, comportamentais e outros.

Poderíamos trabalhar essa noção por meio do espectro do tempo, como no modelo proposto por Claude Smadja, da temporalidade dos ritmos, e pensar que a cada tratamento analítico e a cada encontro analítico, a cada momento do processo analítico, o paciente ou o material que ele traz aí se situa em algum lugar entre esses dois polos, ou se desloca entre esses dois polos, caracterizado por um ritmo vivo, aberto, o tempo do corpo erótico e do desejo, ou por um ritmo automático repetitivo, o tempo do corpo que vê o seu tônus se esgotar nas diferentes figuras da desorganização e da des-trutividade.

O nosso trabalho, então, seria tentar ganhar mais espaço, latência, entretempo, retenção nessa linha do tempo para torná-lo mais flexível, até mesmo mais musical.

Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld

Presidente

Entrevista

Sobre o envelhecer...



Com uma trajetória de vida marcada por laços afetivos, apreço pela natureza, amor ao espor-

te e à música, o médico psiquiatra Eduardo Sabbi alia à sua formação sólida um olhar humanizado vol-

tado ao envelhecer. Natural de Ijuí (RS), reside em Porto Alegre desde 1991, onde construiu sua carreira

dedicada ao cuidado com a saúde mental de pessoas idosas. Mestre em Ciências da Saúde pela UFCSPA, é pós-graduado em Hotelaria Hospitalar e professor titular de Psicogeriatria em instituições como o Instituto Abu-chaim, CEJBF e IBCMED. É também diretor-proprietário da Vitalis Morada Sênior, residencial geriátrico fundado em 2003, e atua como diretor científico da ABRAZ RS, conselheiro da Câmara Técnica de Psiquiatria do CREMERS, além de membro da Cuidadosa e da Frente Nacional de Fortalecimento às ILPIs. Nesta entrevista, ele compartilha reflexões sobre os desafios e potenciais do envelhecimento na sociedade contemporânea.

O que levou o Sr. a trabalhar com esta faixa etária?

Eduardo Sabbi: Acredito que tenha sido multifatorial, onde destaca-se a minha relação com meus avós até o final de suas vidas. Já durante a residência de Psiquiatria, fui tendo muita facilidade em atender aos velhos. Os colegas, estranhando isto, passaram a internar todos os pacientes com mais idade para os meus cuidados. Senti então a necessidade de aprofundar mais meus estudos nesta área e, na época, o professor Jorge Tadeu Amaral de Almeida foi fundamental para iniciar uma caminhada que segue até hoje.

Quais os maiores desafios que o Sr. enfrenta com estes pacientes?

Sabbi: Sem dúvida alguma, o maior deles é o preconceito. Seja o que vem incrustado na forma da sociedade lidar com o velho, seja na relação interna deles

com eles próprios. Em um mundo onde a imagem e o lado material são fortemente estimulados, as perdas características do envelhecimento nem sempre podem ser bem elaboradas.

"Dar-se conta de que o preconceito existe dentro de nós, em proporções maiores ou menores, é um bom começo para iniciarmos a mudança deste paradigma."

O impacto tanto de questões físicas (fisiológicas ou adoecidas) quanto emocionais demanda forte estruturação do Ego e do *self*, muitas vezes deficitária às custas de dificuldades nas primeiras fases de vida.

Como é lidar com os familiares do idoso?

Sabbi: Como diz a letra da música dos Titãs: "Família, família, família". Também ela está envolta em processos inerentes à cultura, além de conflitos entre os membros que podem atrapalhar o desenvolvimento de vínculos saudáveis ao longo do caminho, imprescindíveis para se lidar com os momentos difíceis que a vida traz. Não é fácil, por exemplo, lidar com a quebra da idealização quando os pais deixam de ter independência e/ou autonomia. É necessária uma reorganização de cenários e papéis para um bom seguimento da peça da vida.

O senhor percebe discriminação às pessoas mais idosas?

Sabbi: Sim. A começar pela incomodação frequente que as pessoas demonstram com a palavra velho/velhice. Muitas vezes carregada de um sentido pejorativo e contrapondo ao culto pelo mais novo. Não é à toa, nos deparamos com frases

ageístas do tipo "A ideia é morrer jovem o mais tarde possível" ou com aquela irritação quando a pessoa idosa demora na fila do banco ou mesmo se atrapalha com as novas tecnologias. E os indicadores de violência – dos mais variados tipos – com esta população sobem assustadoramente ano a ano. Dar-se conta de que o preconceito existe dentro de nós, em proporções maiores ou menores, é um bom começo para iniciarmos a mudança deste paradigma.

O senhor considera que a sociedade atual está preparada para lidar com o envelhecer?

Sabbi: Ainda temos um longo caminho pela frente. Respeito e empatia precisam ser melhor trabalhados nos lares, escolas, na rua e nos ambientes de trabalho. O envelhecer em nossa sociedade atualmente carece de adaptações e oportunidades para que os velhos possam ser reconhecidos em suas capacidades ou deficiências e, com isso, serem valorizados e integrados na sociedade. É no dia a dia, pelo cultivo amoroso das relações, que semearemos nosso cuidado para colhermos um futuro repleto de gratidão.

Estamos diante de uma sociedade cada vez mais narcisista e imediatista. O senhor percebe que tem espaço para o idoso neste contexto?

"É no dia a dia, pelo cultivo amoroso das relações, que semearemos nosso cuidado para colhermos um futuro repleto de gratidão."

Sabbi: Esse é um dos problemas da atualidade, não apenas para os velhos, mas ao ser humano de uma forma geral. Há mais de uma década, a OMS tem alertado para o crescente número de tentativas de suicídio em adolescentes e adultos jovens,

embora ainda seja na velhice que encontramos as maiores taxas de morte por este método. Entendo que os mais velhos têm um papel fundamental para, com sua experiência e conhecimento, colaborarem no freamento deste caminho que a sociedade vem percorrendo. Infelizmente, porém, o espaço de escuta e valorização do idoso nos tempos atuais tem sido sim cada vez menor, e a força dessa bola de neve crescente descendo a montanha desenha um futuro nada promissor para todos.

As perdas de amigos, familiares, a saída dos filhos de casa, as doenças, são alguns dos acontecimentos do avançar da idade. Como lidar com isto de uma forma mais saudável?

Sabbi: Ao longo da vida, cada pessoa desenvolve ferramentas e capacidades importantes para ser resiliente nos momentos de adversidade. Tanto características genéticas, herdadas dos seus progenitores, como as epigenéticas – decorrentes do ambiente de desenvolvimento, apoio parental e até situações traumáticas – contribuem positiva ou negativamente para isto. A formação de vínculos robustos e suportivos entre familiares e amigos tende a ajudar muito. As políticas públicas também podem contribuir em questões sociais como educação, saúde e segurança. Sem falar no investimento em psicoterapias que favoreçam o autoconhecimento e ampliem as potencialidades latentes no desenvolvimento de cada indivíduo, abrindo um leque de oportunidades em sua existência.

O senhor considera que o idoso dos dias de hoje tem as

mesmas características do idoso de 30 anos atrás?

Sabbi: Não. Assim como o velho de daqui a 30 anos será diferente do atual. E isto não define ser bom ou ruim. Apenas diferente. A velocidade com que o mundo atual traz inovações exige mudanças que nem sempre temos condições de acompanhar no mesmo ritmo. As próprias teorias que nos fizeram compreender o ciclo vital precisarão ser revistas dentro do novo modelo da sociedade. Se por um lado o velho de hoje tem mais acesso à informação, ainda tem pouca facilidade de lidar com a tecnologia, é suscetível a inúmeros golpes e vê as sólidas construções sociais de sua época escorrerem por entre os dedos sem poder fazer muito.

A solidão necessariamente é uma condição do envelhecer?

Sabbi: Não. E muitas vezes pode ser até sintoma de uma condição patológica como a depressão. Por mais que aprender a viver sozinho nos dê maiores

condições de conviver em grupo, somos seres sociais. Sobrevivemos aos períodos pré-históricos graças a essa condição de nos juntarmos a outros e formar comunidades. Além disso, laços

sociais bem estabelecidos (cônjuge, filhos, amigos, animais de estimativação), prática de atividades religiosas, relacionamento terapêutico confiável, entre outros na direção contrária ao isolamento, são fatores de proteção em nossa vida, reduzindo, por exemplo, o risco de suicídio.

“Ao longo da vida, cada pessoa desenvolve ferramentas e capacidades importantes para ser resiliente nos momentos de adversidade.”

O avanço tecnológico, a IA, tem levado em consideração uma população mais idosa? Como?

Sabbi: Sim, tem. Até por ser um crescente mercado consumidor, atraindo investimentos e investidores. Inovações tecnológicas tendem a facilitar o dia a dia de todos nós, em qualquer idade. É

o caso dos aparelhos eletrônicos responsivos a voz que podem, entre tantas funções, facilitar chamadas telefônicas e simplificar tarefas dentro e fora de casa, do telemonitoramento e sensores que trazem maior segurança à pessoa e seus familiares, e mesmo dos robôs com interação social e educativa. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer no conhecimento destas ferramentas, seu desenvolvimento, sua regulamentação evitando exageros e na sua adaptação cultural.

Qual sua sugestão para enfrentarmos esta fase da vida com mais qualidade e prazer?

Sabbi: A primeira sugestão é a de não esperar que a velhice chegue para então se preparar a viver nela. Isso em todos os aspectos: nos de saúde, que são muito influenciados pelos hábitos saudáveis desde cedo; no financeiro; nas realizações pessoais etc. Estar atento ao que a medicina já nos orienta sobre a prevenção de doenças vai nessa mesma linha. Na vida social, aproveitar bem cada fase de vida dentro do que nela é característico, aprendendo com os erros e acertos. E, tão importante quanto os anteriores, cultivar bons vínculos nas relações familiares, sociais e desenvolver amizades fortes numa rede duradoura.

Momento histórico

Memórias e arquivos

Jeanete Suzana Negretto Sacchet

Membro Associado da SBPdePA



Quando eu fazia parte do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, em 2012, havia na entrada da secretaria uma lista de sugestões de tarefas a serem feitas e quem tinha interesse punha o nome ali. Uma delas era organizar a Memória da Sociedade e eu fui a única candidata. "Mexericando" num pequeno depósito na biblioteca da Brasileira (lá nos idos tempos da Quintino), descobri uma caixa de papelão com fotos e escritos, a meu ver valiosos e únicos. Como já organizei e montei o acervo do Mario Martins, do qual sou responsável (quando era aluna da 1ª turma do pós-graduação em Psicoterapia) há muitos anos, conviada que fui pelo David, pensei que valeria a pena fazer o mesmo com esse precioso material que encontrei, abafado pela poeira e quase esquecido, desde reuniões, atas, combinações, listas de móveis, a maioria escrita à mão, muita coisa do GEP. Nessa época, era Presidente a Helena Surreaux e, ao comentar o assunto com ela, me disse "pega isso pra ti". Foi o que fiz e, com a valiosa ajuda da Mica, organizei tudo.

Esse acervo conta, por exemplo, com escritos da Ana Rosa, do Francischelli etc. doados por eles, quando fiz uma campanha solicitando material, principalmente dos fundadores. Depois, surgiu a ideia de procurar os fundadores, entrevistá-los em lugares escolhidos por eles e gravar essas entrevistas. Essas gravações foram apresentadas

num dos jantares de final de ano da Brasileira ao som da Polonaise, a Heroica, de Chopin, música sugerida por mim e aceita por Helena.

Na ocasião, eu tinha sugerido também La Vie en Rose, uma das minhas músicas preferidas na infância e até hoje, mas foi considerada meio triste e ficou a Polonaise, que também é muito bonita. Ela sugere, a meu ver, vitória, que é como se apresenta nossa Brasileira, uma vitoriosa.

Depois resolvi pesquisar o início da SBPdePA e encontrei o que segue: no 2º semestre de 1989, um grupo de psicanalistas se reuniu para debater a criação de uma nova sociedade psicanalítica em Porto Alegre. Em 10 de janeiro de 1990, foi fundado o movimento de início dessa nova sociedade com reuniões científicas e administrativas regulares. Em 28 de junho de 1990, foi criado o Grupo de Estudos Psicanalíticos (GEP), dirigido por um comitê provisório formado por Alberto Abuchaim, Gley Silva de Pacheco Costa, Izolina Fanzeres, José Luiz Freda Petrucci, Leonardo Adalberto Francischelli e Newton Maltchnik Aronis.

A primeira reunião científica do GEP, realizada em 2 de agosto de 1990, teve como tema para discussão o trabalho de Freud – *Sobre a Transitoriedade*.

Em agosto de 1991, o GEP realizou sua primeira atividade científica aberta, uma mesa redonda intitulada *A Repressão*, com a participação de mais de 250 profissionais e estudantes.

Em novembro de 1991, o Movimento recebeu o apoio da Assembleia de Delegados da Associação Brasileira de Psicanálise (ABP) e, em janeiro de 1992, foi eleito o comitê direutivo permanente do GEP, constituído por Alberto Abuchaim, Gley Costa, Leonardo Francischelli e Newton Aronis, o qual deu início aos contatos do reconhecimento do GEP pela IPA, contando com 17 membros, considerados, posteriormente como os membros fundadores da SBPPA. São eles: Alberto Abuchaim, Ana Rosa Chait Trachtenberg, Antonio Luiz Bento Mostardeiro, David Zimmermann, Gildo Katz, Gley Costa, Izolina Fanzeres, José Facundo Passos de Oliveira, José Luiz Freda Petrucci, Julio Roesch de Campos, Leonardo Francischelli, Lores Pedro Miller, Luiz Gonzaga Brancher, Marco Aurélio Rosa, Newton Aronis, Renato Trachtenberg e Sergio Dornelles Messias.

Em agosto de 1992, o GEP recebeu a notícia da vinda, em novembro daquele ano, do Site Visit Committee da IPA, que concordou com a viabilidade do movimento e recomendou o seu reconhecimento como Grupo de Estudos. Em 17 de dezembro de 1992, na reunião do Council da IPA em Nova York, o GEP foi aceito como Grupo de Estudos – condição referendada pelo Business Meeting do IPAC de 1993, em Amsterdã.

Em abril de 1993, foi eleita a 1ª Diretoria do GEP de PA, assim constituída: Presidente Lores Pe-

dro Meller, Secretário: José Luiz Freda Petrucci; Tesoureira: Izolina Fanzeres; Secretária Científica: Ana Rosa C. Trachtenberg; Liaison: Gley S.P. Costa. Em 21 de julho de 1994, foi eleita a 1ª Direção do Instituto, formada pelos seguintes membros: Marco Aurélio Rosa como diretor; Sérgio D. Messias como secretário; José Luiz Freda Petrucci como coordenador da comissão de formação e Gildo Katz como coordenador da comissão de seminários.

Em 1995, a 1ª turma de candidatos do Instituto de Psicanálise do GEP iniciou os seminários teóricos. No IPAC de Barcelona em 1997, a entidade foi reconhecida como Sociedade Provisória e, no IPAC de Nice, finalmente, em 5 de julho de 2001, tornou-se uma Sociedade Componente da IPA.

Em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao desenvolvimento da psicanálise brasileira, em 7 de dezembro de

1998, foi concedido ao Professor David Zimmermann o título de Membro Honorário. Em agosto de 2002, uma homenagem de gratidão foi prestada aos integrantes do Visit, Sponsorig e Liaison que acompanharam com muita dedicação nossa trajetória. São eles: Elfriede Susana Lusting de Ferrer, Leonardo Wender, Miguel Angel Rubinstein, Samuel Zysman e Sara Zac de Filc.

Ainda em agosto de 2002, foi criado o NIA (Núcleo de Infância e Adolescência) que, em maio de 2004, teve o seu Spread of Childhood and Teenage Psychoanalysis aprovado e auspiciado pelo Developing Psychoanalytic Practice and Training Programme (DPPT) da IPA, sendo a primeira Sociedade da América Latina a receber essa qualificação.

Em 16 de julho de 2002, foi criado o Núcleo Psicanalítico de Florianópolis (NPF), patrocinado pela SBPdePA, com objetivo de

divulgar a psicanálise em Santa Catarina nos moldes da IPA. O seu reconhecimento pelo Conselho Diretor foi informado à Assembleia de Delegados da ABP em 7 de dezembro de 2002.

Em 30 de maio de 2013, a sede da SBPdePA mudou de endereço, indo para o bairro Moinhos de Vento. A nova sede, bem mais ampla e moderna, localizada na praça Maurício Cardoso, no coração de um dos bairros mais tradicionais e bonitos da cidade, oportunizou que tanto o público interno quanto a comunidade pudessem frequentar mais as atividades que, consequentemente, também aumentaram em frequência.

O material da Memória encontra-se na Biblioteca David Zimmermann da Brasileira e está numa prateleira especial. A cada nova Diretoria, sou convidada para continuar esse trabalho, que faço com muito amor, gratidão e orgulho.

Artigos

Sempre 10 anos a mais

Mario G. Cardoni

Médico Clínico e Intensivista (Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Hospital Moinhos de Vento e Lar Israelita Maurício Seligman)



O grande trabalho terapêutico a ser realizado neste século XXI é o da mitigação do medo, o de aprender a conviver com o medo, administrar o medo. Em resumo, resistir ao medo, entendendo que este substantivo, ainda que adaptativo e protetor, não pode dominar a existência. Essa pedagogia serve para todas as idades, porém é na maturidade que o somatório de experiências, junto com a proximidade da finitude, torna esse enfrentamento um desafio maior.

Alguma coisa além da criação de técnicas edificantes transmitidas por gurus ou *coaching* comportamentais, produtos frágeis e descartáveis, muito comuns no mercado da persuasão; ao contrário,

se trata de construir uma robusta metodologia que integre múltiplas áreas do conhecimento, da arte à bioquímica; da psicanálise à filosofia e além.

A arqueologia do medo remete diretamente ao conhecimento empírico e individual das ameaças, dores, fragilidades, limitações, abandonos e perdas, testemunhas da própria história ou de pessoas amadas que vivenciaram uma ou mais combinações desses sofrimentos inerentes à vida. Essas experiências reais imprimem, no observador, marcas indeléveis – o trauma, que se constitui na base soterrada do medo à repetição e, em muitos casos, na culpa do sobrevivente. A expectativa latente do declínio é, ela própria, determinante parcial do desfecho desfavorável.

A prática clínica convive com este desamparo permanente entre os idosos, sendo que, muitos deles, fatigados pela angústia e desesperança, desistem resignadamente cedo demais. Alguns apontam que os quadros demenciais seriam a solução encontrada por aqueles para quem a decrepitude real ou imaginada se tornou insuportável, levando ao abandono da consciência dolorosa de si e do mundo ameaçador.

O enunciado explicativo acima, filosoficamente tentador, não encontra correspondência na realidade biológica, a não ser que se descubra que o beta-amiloide, as microisquemias cerebrais, endotelia-1, corpos de Lewy compostos por alfa-sinucleinas, entre outras transformações orgânicas, tivessem o medo como cofator ou gatilho. A coragem de viver as vicissitudes, certas ou imprevisíveis, já pode ser alcançada com base na ciência e na pedagogia individual e social. O que antes era recomendação epicurista, a ataraxia, isto é, ensinar a tolerar os sofrimentos inevitáveis, o atributo da imperturbabilidade, hoje se transmuta numa atitude ativa: enfrentar as causas da dor de existir com otimismo realista, sem falsas ilusões.

O desenvolvimento do conhecimento diagnóstico e terapêutico, da tecnologia médica, das intervenções precoces e da reabilitação permitem vislumbrar uma vida boa nas fases etárias avançadas. Portanto, a serenidade, substituta racional da felicidade impossível, pode ser aprendida se nos afastarmos da dor do outro sem perder a compaixão, acreditarmos no progresso da técnica sem a ilusão da infalibilidade.

dade e aceitarmos com gratidão cósmica – não necessariamente religiosa – a vida levada até aqui e, sobretudo, apropriarmo-nos ativamente da finitude, ainda que tentemos zelosamente adiá-la.

Somar mais dez anos de vida boa deve ser um objetivo ou fórmula para qualquer idade. E, enquanto a gente persegue este tempo alvo, novas contribuições e soluções saudáveis aparecem ou são amplificadas, permitindo estender ainda além nossa perspectiva e expectativa. De caminharmos regularmente para a saúde cardiorrespiratória e prevenção da depressão, de mantermos o tônus muscular dos membros inferiores como marcador de longevidade, do uso orientado de suplementos proteicos até as vacinas imunizantes (uma delas presumivelmente reduzindo o risco de declínio cognitivo), da atenção aos nossos parceiros mutualistas da microbiota intestinal, das reconhecidas intervenções preventivas cardiovasculares e neoplásicas, da manutenção e acréscimo de amizades, do uso parcimonioso de vinho e outros licores e, a propósito, rir muito e sempre, do sexo ou do carinho físico, da atividade criativa e produtiva, mesmo que dilettante ou lúdica, da substituição dos carboidratos inflamatórios, da fruição das artes e do prazer da contemplação e dos momentos de solidão, tudo isto pode ser incorporado ou utilizado individualmente, não como produtos de um supermercado ou equipamentos de um parque de diversões, mas sobretudo como estratégia de perseverar numa boa e gratificante existência. Superar o medo. Ser o herói de si.

O analista e seu paciente, uma dupla em busca do envelhecimento saudável

Tatiane Gil Asnis

Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA



Ao longo dos anos, trabalhando com psicoterapia de orientação analítica, e nos últimos com psicanálise, tenho percebido o número restrito de profissionais que se ocupa da psicoterapia psicanalítica de indivíduos nas fases mais tardias da vida. Percebo que a intervenção psicanalítica na velhice é quase inexistente. Existe, ainda hoje, pouca literatura relativa à clínica analítica com idosos. E preconceito. Preconceito de uma sociedade que tem muito medo de envelhecer. Daí a importância desta edição.

O silêncio é visível em torno desse tema. Quantas palestras vocês observam, nos grandes congressos de psicanálise, que abordam o tema do envelhecimento? Realmente, é muito pouco falado. Mas por quê? Todos acompanham a tendência ao envelhecimento populacional. Em breve, o Brasil será o sexto país mais envelhecido do mundo e o número de idosos longevos tende a triplicar nos próximos anos. E, assim mesmo, existe certa resistência em geral. Em todas as áreas da saúde, temos uma carência de profissionais que se entregam a estudar

e a trabalhar com esta fase da vida. Um problema de saúde pública no nosso país.

Até mesmo Freud, afirmando haver uma falta de plasticidade psíquica em algumas pessoas muito idosas, ou Ferenczi, referindo que na velhice as defesas estariam por demais assentadas e não haveria tempo hábil às retificações e mudanças subjetivas, tiveram essa dificuldade. O fato é que falar em velhice sempre suscita um desconforto. É possível desenvolver uma análise tão tarde? Se o inconsciente é atemporal, haveria diferença entre tratar um jovem e um idoso? Ou a dificuldade está no profissional que também precisa lidar com a dor do seu próprio envelhecimento? São questionamentos importantes.

Começamos com a dificuldade do ser humano de lidar com as perdas. Em todas as etapas de vida, enfrentar as perdas gera intenso sofrimento. E a maior vivência do envelhecimento são as perdas gradativas a que somos expostos, o que pode tornar essa realidade extremamente dolorosa. Com frequência, o ser humano tenta atenuar as perdas próprias desse processo, a fim de evitar passar pelo doloroso luto decorrente delas.

Em seu texto *Sobre a Transitoriedade*, Freud resalta que "a evanescência da beleza da forma e da face humana apenas lhes empresta renovado encanto [...] e que o valor de toda a beleza e perfeição é determinado somente por sua significação para nossa própria vida emocional" (Freud, 1916/1996b), nos transmitindo a ideia de que a transitoriedade da juventude não pode ser motivo para estragar a fruição da beleza da vida. Ao tecer seu pensamento, Freud denota a dificuldade do homem em realizar o luto pelas perdas que a vida inevitavelmente impõe; desprender-se dos objetos amados, perdê-los, expõe ao desamparo, à fragilidade, não só da beleza, mas da vida (Zonana, 2016).

Podemos considerar a clínica psicológica com idosos uma clínica do luto, na medida em que o luto na velhice se apresenta em toda sua radicalidade. E na velhice, com o acúmulo de perdas significativas, o trabalho de luto se torna mais penoso. Os objetos passíveis de investimento já não se oferecem com tanta prontidão e a possibilidade de novas vinculações é mais difícil, pois muitos de sua geração já não existem e os mais novos não compartilham sua linguagem, seu universo e suas lembranças. Essas vivências fazem parte da história natural do envelhecimento e da longevidade e exigem o envolvimento constante do trabalho de luto e a elaboração de feridas narcísicas.

O psicanalista tem um trabalho muito complexo e delicado. Deve acompanhar seu paciente nos momentos de dor por perda das capacidades, sem se deixar abater. São encontros muito intensos,

em que não só se chora pelo que foi perdido, mas muito pelo que se está perdendo no momento: doenças graves, sequelas de doenças, limitações físicas e mentais, perdas de entes queridos. Tudo é sentido intensamente pelo paciente, e o analista deve estar acompanhando sem perder a esperança. Sem perder a crença de que algo deverá ser descoberto para dar conta daquela perda. O analista sente junto com seu paciente o impacto da dura realidade.

Sentir junto, sem se deprimir. Esse é o maior desafio. Porém, esse desafio só será possível se o profissional puder trabalhar o impacto desses lutos em sua vida. Se puder olhar para suas próprias dificuldades, para os seus próprios lutos. Sem isso, é impossível atender alguém numa fase tão difícil de vida. Arrisco-me a dizer que seria a fase mais difícil da vida. Daí a importância de o psicanalista de um idoso seguir fazendo seu processo de análise pessoal. Só se reconhece as dores do envelhecimento ao se passar por elas. Enquanto somos ativos, produtivos, teremos mais dificuldades em compreender a dor do paciente idoso. É preciso se entregar àquilo que se ouve. Provavelmente, vai ser algo novo para o analista mais jovem. Por isso, é tão importante que ele tenha um lugar seu para sentir e, quem sabe, chorar.

Tenho tido a oportunidade tão enriquecedora de atender pessoas nessa faixa mais tardia de vida; cada encontro é um aprendizado. Percebo que cada encontro com alguém mais longevo é um brilho no olhar de quem chega. E percebi que também é um brilho no meu olhar. Na medida em que o vínculo se estabelece, as sessões se tornam um momento fértil de trocas. Por isso, me atrevo a dizer que a clínica psicanalítica com o idoso exige coragem, resiliência, entrega, como em todas as faixas etárias, mas eu diria que o que diferencia a clínica com o idoso mais longevo é a importância da alegria e do sorriso no rosto do analista; isso faz toda a diferença. Desta forma, juntos, analista e paciente podem seguir em busca de um caminho de vida. Lembrando que na análise só existe um sujeito, o sujeito do inconsciente, e este não envelhece.

1. FREUD, S. Sobre a transitoriedade. In: STRACHEY, J. (Ed. E Trad.), Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. 14, 1916. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

2. ZONANA, R.A. Pensando em Freud e transitoriedade. Comemoração ao centenário do trabalho de Sigmund Freud: "Sobre a transitoriedade" (1916). Publicado na revista on-line da Federação Brasileira de Psicanálise – FEBRAPSI, 2016.

Ru(s)gas na Neurose de Transferência

Larissa Biessek Sberse

Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA



A pele frágil, o andar incerto de quem já caminhou uma longa estrada e os olhos embaçados que mal distinguem os contornos do mundo... sou sua analista há cerca de dois anos e a acompanho duas vezes por semana. Tenho 29 anos, sou "jovem" para ela, e é nessa juventude que ela se volta como uma possibilidade de vida. Uma vez, me disse com sinceridade: "Você me escuta diferente". Foi como dar nome a algo que já existia entre nós, mas que ainda não havia sido dito. Aos 81 anos, quase sem enxergar, ela se apoia na escuta como quem busca um chão. Onde faltam imagens, ela encontra nas palavras um caminho.

No *setting*, me pergunto: o que significa escutar alguém cuja visão se apaga dia após dia? Em 1933, Freud escreveu: *Wo Es war, soll Ich werden, onde estava o id, deve advir o ego*. Décadas depois, em 1957, Lacan retoma essa formulação para pensar na relação entre o inconsciente e o sujeito. O que um dia foi vivido como estranho, caótico ou indizível pode, pouco a pouco, ser apropriado, desde que haja espaço para nomear, elaborar e, quem sabe, sofrer um pouco menos.

Na clínica com idosos, esse movimento de apropriação é sutil, mas não menos potente. A análise já não se sustenta sobre o projeto de um futuro longo, mas sobre a chance, sempre atual, de se fazer um pouco mais sujeito do próprio desejo. Com ela, compreendi na prática clínica a atemporalidade do inconsciente e, por isso, o amor de transferência não tem idade, mas tem ru(s)gas. Não apenas por causa do tempo, mas também porque ele nos toca em nossa falta, em nossa finitude, e também em nossa esperança infantil de sermos salvos pelo outro.

Freud, em seu texto sobre a *Dinâmica da Transferência* (1912), já alertava que o amor de transferência não deve ser confundido com o amor real. Ele emerge como repetição, como deslocamento de afetos arcaicos em direção à figura do analista. Parafraseando-o, comprehendo que a transferência se torna o terreno em que uma luta se inicia, mas é também o maior obstáculo à cura. É amor que retor-

na de outro tempo e, por isso mesmo, carrega em si tanto encantamento quanto ameaça.

Aos poucos, ela também tem aprendido que pode me odiar... que pode e deve odiar, e não apenas amar. Isso não rompe o laço, sustenta-o e o fortalece. Há dias em que está impaciente, irritada com algo que "não disse como devia". Há silêncios carregados de ressentimento, que só depois nomeamos. Ela começa a descobrir, com delicadeza e dor, que é possível entrar em conflito com alguém e, ainda assim, esse alguém permanecer ao seu lado. Que seu ódio não me mata ou destrói, uma fantasia pré-edípica que carrega desde a perda da mãe aos 13 anos, e que eu sigo existindo para ela, mesmo depois das turbulências.

Essa vivência, tão simples e tão profunda, é uma conquista subjetiva preciosa. Lacan, no *Seminário 8: A Transferência*, vai além: ele nos lembra que o amor, no campo analítico, é sempre uma resposta ao saber suposto no analista. Amar, na transferência, é dirigir-se ao outro como aquele que detém um saber sobre o meu desejo. "Amar é dar o que não se tem a alguém que não o é", escreve Lacan. O analista não tem esse saber, mas é colocado nesse lugar. E se o amor de transferência tenta fazer do analista o objeto que completaria o sujeito, o analista precisa resistir a esse chamado.

Lacan não nos autoriza a usar a emoção como bússola. Ele nos chama à responsabilidade do desejo, esse desejo que não salva, mas sustenta; que não consola, mas escuta; que não responde à falta do outro com preenchimento, mas com presença. É difícil! Porque quando ela tateia as coisas ao redor para se localizar e diz que gostaria de ver meu rosto com clareza, há uma parte de mim que quer dar mais do que posso. Mas então lembro: não é meu rosto que importa, é minha escuta. Não é minha imagem, é minha função e escuta simbólica... estar ali, com ela, sem fugir da sombra.

É aí que entra a posição ética que Lacan propõe ao analista: a de ser aquele que não cede, aquele que sustenta um desejo que não se deixa capturar, que

não responde ao amor transferencial com amor, mas com escuta implicada e afetiva. O desejo do analista é aquilo que fura o imaginário do amor romântico, é o que impede que a análise se transforme numa relação de sedução ou de cuidado narcísico e, ao mesmo tempo, é o que possibilita que algo do sujeito emerja para além da demanda de ser amado, uma espécie de (des)encontro no encontro. Em sua fragilidade, ela se oferece com uma força comovente, me abraça em todo o início e final de sessão, como se dissesse "fique um pouco mais", mas diz apenas "até sexta". Em sua quase cegueira, há uma nitidez que me atravessa e, no reflexo desse espelho opaco, me vejo também: "jovem", desejante, às vezes cansada e impaciente, às vezes tocada demais. Por isso, lembro de Lacan quando afirma: "O analista só intervém a partir do lugar onde é convocado como objeto", e esse lugar exige de mim uma ética rigorosa.

No *Seminário 10: A angústia*, Lacan nos apresenta de forma mais precisa a formalização do objeto a um objeto topológico, causa do desejo. É por meio dele, diz Lacan, que "o desejo pode revelar-nos de que modo teremos que reconhecer em nós [os analistas] o objeto a". Trata-se de um objeto que se inscreve no campo do Outro, tornando possível o laço transferencial. O analista, diante da angústia do sujeito, não se coloca como aquele que responde ou consola, mas como alguém que sustenta sua posição a partir do objeto a, não um objeto simplesmente perdido, mas aquele que "não cessa de não se escrever". É aí que se revela o ponto da impossibilidade, o limite real que estrutura o desejo.

Como não se comover com essa convocação? Como não querer proteger e acalentar? Mas o amor de transferência não pede acolhimento, pede trabalho. E meu desejo, ali, não é o de completá-la, o que é impossível, mas o de permitir que ela se separe das dores que não a deixam viver. Mesmo que viver, agora, signifique elaborar uma despedida. Lembra-me, então, de Manoel de Barros (2011), e do que ele diz sobre aqueles que já caminharam dentro dos próprios abismos:

"[...] E aquele que não morou nunca em seus próprios abismos

Nem andou em promiscuidade com seus fantasmas

Não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto

Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema."

Ela foi marcada e me marca também, não com histórias grandiosas, mas com a coragem de seguir falando. Com a delicadeza de confiar seus fantasmas a uma "jovem" analista "emocionada" que a escuta com a carne exposta. Entre nós, há o que Freud cha-

maria de repetição, esse movimento em que o sujeito revive, no laço transferencial, experiências, afetos e relações que marcaram sua história, sobretudo as mais primitivas. Lacan, relendo Freud através da linguagem, nos mostra que essa repetição se dá por deslocamentos no campo simbólico.

O desejo se reinscreve, se disfarça, se transfere de um objeto a outro, fazendo emergir, no entre-mesmo das palavras, aquilo que insiste em retornar. Mas há também a poesia, aquela que nasce justamente do que escapa à plena nomeação. Como nos ensina Graciliano Ramos no livro *Memórias do Cárcere*: "Comovo-me em excesso, por natureza e por ofício. Acho medonho alguém viver sem paixões."

O fim se aproxima, ainda que não saibamos quando, pois a análise com idosos carrega, inevitavelmente, a sombra da finitude. Às vezes, penso que ela me ensina a envelhecer; outras vezes, percebo que é ela quem se despede de si mesma, aos poucos, entre palavras. Mas o que se dá ali não é a preparação para o fim, é a insistência da vida, mesmo quando a luz vai se apagando. Porque há escuta, e onde há escuta, há vida!

Referências:

FREUD, S. (2010). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18). (Original de 1933).

FREUD, S. (2010). A dinâmica da transferência. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 10). (Original de 1912).

LACAN, J. (2016). O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959).

LACAN, J. (1992). O seminário, livro 8: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1961).

LACAN, J. (2005). O seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

BARROS, M. (2011). Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2011.

RAMOS, G. (2008). Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1953).

Jornada Científica: metapsicologia do trauma

Evento ocorre dias 28, 29 e 30 de agosto no Hotel Hilton, em Porto Alegre

O trauma é um conceito angular no engenhoso trabalho de edificação da psicanálise, mantendo-se nele, até hoje, interesse central. Nos últimos anos, vivemos eventos traumáticos de grandes proporções. A pandemia de 2020 não só nos privou da presença e da potência dos encontros humanos durante um longo período de tempo, como impingiu, a muitos, a perda precoce e abrupta de seus entes queridos, transformando, permanentemente, o modo como nos relacionamos. Não bastasse, em 2024, o nosso estado foi devastado por uma grande enchente, evento pelo qual ainda estamos em processo de recuperação.

Seja pela sua importância nas origens do campo pulsional, seja pela intensa articulação com o conceito de inconsciente, o trauma é estabelecido como eixo nos movimentos de ideias da teoria metapsicológica, ganhando distintas dimensões epistemológicas no curso da história do pensamento freudiano. Assim, em épocas de incertezas, de precarização de laços, de contração do tempo, de crises sociais, políticas e climáticas, testemunhamos novas formas de manifestação do sofrimento psíquico que desafiam a clínica psicanalítica.

As experiências traumáticas difíceis de assimilar recaem sobre um corpo marcado pela ausência de narrativa simbólica, impactando os processos de simbolização psíquica e a constituição subjetiva dos que chegam aos nossos consultórios. Tal cenário nos convoca a refletir sobre as transformações do nosso tempo e as configurações pertinentes ao campo analítico. Por isso, o trauma vem sendo o foco de trabalho desta Comissão.

Justamente por seu caráter dinâmico, diferentes concepções acerca do traumático serão apresentadas e exploradas em nossa Jornada Científica, *Metapsicologia do Trauma*, que acontecerá nos dias 28, 29 e 30 de agosto no Hotel Hilton, em Porto Alegre. Por isso, convidamos a todos para pensar e dialogar sobre as articulações possíveis a respeito do traumático na atualidade, junto a convidados expoentes no cenário da psicanálise contemporânea que nos trarão conceitos e ideias fundamentais desenvolvidas para a clínica contemporânea.

Para compor nosso evento, contaremos com quatro conferencistas: Christophe Dejours (França): vai além de Freud ao contextualizar o corpo erógeno socialmente. Propõe uma teoria de terceira tópica, o inconsciente amenial, para explicar os efeitos do trauma no psiquismo. Diana Tabacof (França): entrelaça psicossomática com a clínica da excitação e do trauma psíquico, trazendo o arcabouço teórico-técnico-clínico da Escola de Paris. Emiliano de Camargo David (Brasil): psicólogo e psicanalista, referência em relações raciais, autor de *Saúde Mental e Relações Raciais* e *Aquilombamento da Saúde Mental*. Facundo Blestcher (Argentina): traz uma perspectiva interdisciplinar, unindo filosofia, psicanálise e crítica social.

Reflete sobre os impactos psíquicos de traumas individuais e coletivos, incluindo traumas históricos e o sofrimento psíquico contemporâneo.

A comissão organizou quatro encontros preparatórios híbridos para disparar o debate das teorias de cada convidado da nossa jornada. O primeiro deles, *A clínica da excitação*, ocorreu em 23/04/25, sob a coordenação da diretora da nossa comissão, Janine Severo, contou com Ana Paula Terra Machado e



Patrícia Goldfeld e a convidada Cândida Sé Holovko (SBPSP), que nos brindaram com a apresentação do pensamento original de Diana Tabacof acerca da clínica da excitação.

Seguindo, tivemos, em 29/05/25, o segundo encontro, *O inconsciente e o traumático, fundamentos da psicanálise freudiana*, coordenado pela colega desta comissão, Aline Santos e Silva, com Augusta Gerchmann, Silvia Skowronsky e a convidada Raquel Moreno Garcia, que nos proporcionaram um mergulho nos fundamentos da psicanálise freudiana a partir dos conceitos de Christophe Dejours.

No dia 26 de junho, mediados pela coordenação de Ane Marlise Port Rodrigues, receberemos Augusto Paim, Leonardo Francischelli e Miriam Alves para nos debruçarmos sobre o pensamento de Emiliano

de Camargo David, no encontro, *Psicanálise e a clínica antirracista*.

Por fim, no dia 10 de julho, coordenado por Lisia Leite, teremos o encontro final com Giovana Borges, Katya de Azevedo Araújo e Marina Bangel para imergirmos no pensamento de Facundo Blestcher com o tema, *O trauma sob a perspectiva da psicanálise contemporânea*. Contamos com a presença de todos os colegas em nossa Jornada. Até lá!

Comissão organizadora da Jornada: Janine Severo (diretora científica da SBPdePA), Alessandra Guedes, Aline Santos e Silva, Camila de Araújo Reiner, Carmen Prado, Clarissa Leonardi Padilla, Gabriela Morsch, Giuliana Stuber, Marcela Pohlmann, Morgana Saft Tarrago, Roberta Peruchin, Loureiro da Silva Breda, Siana Pessin Cerri, Vera Regina Subtil Viuniski

NIA: projetos com escolas

Quem não lembra daquele mês de maio de 2024? Pois bem, um ano após nos vermos inundados por todos os lados, dentro e fora, por muita água, angústias, desamparos e dúvidas, o NIA da Brasileira está engajado no projeto piloto que chamamos "Adote uma Escola". A ideia surgiu após o Café com NIA *Regressando à escola após as inundações*, no qual a convidada, a professora e orientadora Clarice Dal Médico, do Colégio Estadual Cândido José de Godói, compartilhou conosco as várias dificuldades enfrentadas no seu dia a dia. Tanto os alunos, adolescentes do ensino médio, como pais e professores seguiram perplexos e com poucas condições de retornarem à escola e a suas vidas. Todos ainda sob os efeitos do trauma da enchente sem precedentes, com muitos sintomas, como ansiedade e tristeza, e sem um lugar de acolhida para acomodar e mudar o rumo desta experiência traumática que, em vários casos, somou-se a outras já presentes em suas histórias.

Diante desse cenário, sensibilizados, decidimos oferecer a parceria. Iniciamos 2025, inaugurando o vínculo entre a SBPdePA e o Colégio Godói com uma

palestra de Heloisa Zimmermann explicando aos alunos a nova lei que restringe o uso de celulares nas escolas em todo o território nacional. Na sequência, foi oferecido um grupo para familiares de alunos atípicos, coordenado por Marta Stumpf, e um grupo de escuta e acolhimento para adolescentes, coordenado por Kellen Gurgel Ancheta e Rosana Igor Rehfeld. O objetivo é construirmos juntos um espaço e uma dinâmica que favoreça a identidade de grupo, desenvolvendo a confiança para viabilizar a profundidade e o respeito à singularidade e ao sofrimento de si e do outro.

A experiência de levar e de viver a psicanálise fora dos consultórios e da academia tem sido muito rica. Essas vivências têm sido uma fonte de aprendizado e uma grande oportunidade de ampliar e afinar nossa escuta analítica, nos fazendo acreditar ainda mais na potência da psicanálise.

A Equipe do NIA é coordenada por Heloisa Zimmermann e constituída por Adriana Ampezzan, Aline Santos e Silva, Júlio Sperb, Kellen Ancheta e Rosana Igor Rehfeld.



Aline, Júlio, Kellen e Heloisa

Envelhecer: A força da idade

Rovena Gazola Tavares

Membro titular da SBPdePA



É muito importante para nossas vidas e para nós, como psicanalistas, um conhecimento mais profundo das questões que envolvem o envelhecimento. Considero relevantes temas como o momento em que se constata estar velho, a consciência da finitude, a transitoriedade da vida, as limitações que marcam o real do corpo e as repercussões emocionais inerentes a essa experiência humana de transformação.

O corpo denuncia a finitude e o EU precisará reinventar-se frente às novas imposições. Se há algo que nós psicanalistas poderemos fazer por nossos pacientes é ajudá-los a manter-se sujeitos de suas próprias vidas até o final. O envelhecimento é um processo que impõe uma tomada de posição, e cada sujeito responderá a partir de suas capacidades de reserva: fisiológicas, psíquicas e sociais. Podemos deduzir que transformar esse processo em patologias do envelhecimento depende destas possíveis reservas.

O envelhecimento não é a velhice. Envelhecer é inevitável, sentir-se velho não. Então, o velho não existe como idade cronológica. A constatação de sentir-se velho não pode estar relacionada com alguma idade porque, embora a pessoa de idade avançada esteja mais próxima do final da vida, ainda é tempo de vida e não de morte. São acontecimentos, fatos abruptos surgidos muitas vezes de forma brutal: perda da condição física e da autonomia, perdas significativas de vínculos importantes que desencadeiam no sujeito a constatação de que está velho e esses pensamentos passam a fazer parte do seu cotidiano.

Por termos vivido muitos anos, no espelho podemos ver que somos, mas poderemos não nos sentir velhos se algum acontecimento não se inscrever no registro das perdas como um marco. "Estar velho não tem idade estabelecida, cada sujeito inaugura o 'tempo de estar velho', quando esse é imposto e opera com ele de acordo com aquilo que própria história lhe determina." (Goldfarb, 1998, p.87).

A fecundidade de uma vida interior com sentido, uma boa relação com seus objetos internos e externos, a mobilidade da libido e uma certa elaboração dos lutos (pequenas mortes) evitam uma desinvestidura progressiva que observamos, por vezes, em pessoas de idade avançada.

O isolamento e a inércia observados nesta fase podem ser tentativas de negar a passagem do tempo, pois, evitando o movimento ao paralisar, batem em retirada, antecipando o final de suas vidas. Benno Rosenberg, em seus estudos (2003) sobre *Masoquismo Mortífero* e *Masoquismo Guardião da Vida* diz que o "desinvestimento – desinteresse pelo objeto e pelo mundo objetal representa uma verdadeira ameaça vital" (p. 36). E que a "ligação-elaboração da destrutividade vivida" por meio de um masoquismo que ele chama de guardião da vida, no pleno sentido do termo, acolhe a experiência através do trabalho de elaboração que é doloroso, mas inevitável (p. 37). Reinventar-se é uma tarefa da vida, o EU exige continuidade, que somente será garantida pelo fluxo constante de investimentos em objetos significativos.

Márcia de 50 anos e Anita de 83 desenvolveram o gosto por conversar sobre a vida. Entre tantas trocas interessantes, Márcia conta que há poucos dias falavam sobre a morte. Márcia disse que, para ela, a morte é um expulsamento – somos empurrados para fora, despejados... ao contrário do nascimento, pelo qual que somos recebidos para a vida. Ao que Anita, contesta: "Para mim, não é assim. Sou muitas 'Anitas', e cada vez que outra bate à minha porta, me desfaço das outras. Aproveito o que de novo me vem. Agora me sinto quem sou, nesta fase, neste momento que vivo. E aceito assim, porque é assim. E usufruo desta que sou". Ao que Márcia lhe diz: "É, aqui, a velha sou eu! Eu sou melancólica, eu sofro, eu tenho medo de envelhecer, de morrer."

Anita diz: "Eu sei de tudo isso. Sei da morte, e sinto pelo fim de toda uma vida. Mas, enquanto estou aqui vivo o que tenho e o que sou, e a cada possibilidade "abro portas para todas as Anitas que chegam".

Viver sem tempos mortos nos remete à plasticidade psíquica e às possibilidades de amplitude do EU. A libido em circulação para novos objetos, um certo masoquismo para aceitar as descontinuidades e dores deste novo e último ciclo poderão criar tempos vivos. Talvez o sentido, a dignidade, a força e a serenidade da idade estejam em viver este último capítulo para terminar a tarefa de encerrar a nós mesmos.

A constatação do final da vida e a consciência da nossa finitude poderão nos ajudar a vivê-la com a segurança de não deixá-la correr levada pelo tempo.

Citações:

Goldfarb, D.C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. S.P.

Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. S.P.

O envelhecimento e seus reveses

Gley P. Costa

Médico psiquiatra e psicanalista, autor do livro *A Invenção da Vida: Uma Visão Psicanalítica Contemporânea da Felicidade*



A palavra reves é empregada comumente no sentido de circunstância desagradável, geralmente inesperada e que transforma algo bom em ruim, podendo ainda expressar uma situação trágica. Contudo, em sua origem latina (*reversus*), significa simplesmente "retornar". Entendo que essas duas acepções encontram cabida nos sentimentos relacionados ao envelhecimento, as quais, até certo ponto, encontram-se vinculadas, particularmente em uma sociedade em que todos querem permanecer com o frescor da juventude.

Explico: o avanço da idade nos leva a reviver, na relação com filhos, netos e bisnetos, todas as etapas anteriores da vida, gerando o nostálgico (para alguns, talvez, trágico) sentimento de uma existência que ficou para trás, em que pese a satisfação que a descendência sustenta. Não obstante, esse "retorno" também coloca o indivíduo de frente com o que ele, ao longo da sua existência, postergou enfrentar: a transitoriedade da vida.

Lembra Freud que o narcisismo da humanidade enfrentou três grandes golpes. O primeiro foi cosmológico, com Copérnico provando que a Terra não era o centro do Universo. Depois veio o biológico, com Darwin pondo fim à pretensão humana de ter uma ascendência divina que distinguisse o homem dos demais representantes do reino animal. O terceiro foi o psicológico, para o qual contribuiu a psicanálise com a descoberta do inconsciente, uma instância psíquica que rege as nossas escolhas, obrigando o ser humano a reconhecer que ele não é o senhor da sua própria casa.

No entanto, é provável que o mais aterrador impacto sobre o narcisismo da humanidade seja exatamente a aceitação da morte, razão pela qual, de diversas formas, procuramos negá-la. Sendo assim, por mais que remontemos a outros períodos da história, notamos não ter o homem jamais acreditado que tudo acabasse com a morte, e foi por meio da morte que ele pela primeira vez teve a ideia do so-

brenatural e quis tomar para si mais do que o que lhe era legítimo esperar da sua qualidade de humano. A morte, portanto, teria sido o primeiro mistério da humanidade, colocando o homem no caminho de outros mistérios, e elevou o seu pensamento do visível ao invisível, do humano ao divino e do transitório ao eterno.

Contudo, com o envelhecimento, torna-se cada vez mais difícil manter a negação da morte, e sua elaboração torna-se inadiável para que o eu integre esta vivência e siga funcionando com as capacidades e os recursos defensivos que dispõe. Tendo este preço a pagar, compensatoriamente, ele estabelece uma relação mais amistosa com os seus três senhores: id, supereu e realidade, liberando, com isso, sua criatividade até então reprimida ou não explorada.

Nesta etapa da vida, um fator assume uma importância que não podemos subestimar: as amizades. São elas que possibilitam ao indivíduo sentir-se acompanhado e apoiado nesta difícil caminhada, contribuindo para que ela se torne a menos dolorosa possível. Mas a importância dos amigos na idade avançada vai muito além: é através da perda dos amigos que enfrentamos a realidade da morte e, mais do que isso, vamos elaborando a realidade da nossa própria morte, que um dia acontecerá. dessa forma, quem sabe até lá possamos desfrutar uma vida mais criativa, cercados por pessoas que amamos e nos amam e, como escreveu Oliver Sacks em seu último artigo, antes morrer, em 2015, no *The New York Times*, dizer: "Encontro meus pensamentos rumando em direção ao Shabat, o dia de descanso, o último dia da semana, e talvez o sétimo dia da nossa vida também, quando podemos sentir que nosso trabalho está feito e, com a consciência em paz, descansar". Sacks pensava que quem morre não pode ser substituído; deixa lacunas que não podem ser preenchidas, pois é destino de todo ser humano ser uma pessoa única, encontrar seu próprio caminho, viver sua própria vida, morrer sua própria morte.

Entre a cisão e a aceitação: o envelhecimento psíquico em A Substância

Aurinez Rospide Schmitz

Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA



O filme *A Substância* apresenta, por meio da linguagem do grotesco e do exagero, uma potente metáfora sobre o enfrentamento psíquico do envelhecimento na contemporaneidade. A protagonista, Elisabeth Sparkle, é demitida de um programa de televisão no qual era estrela e substituída por uma mulher mais jovem e atraente. Esse evento deflagra uma série de defesas frente ao colapso narcísico da imagem idealizada de si.

A primeira cena já antecipa o drama: o nome de Elisabeth está cravado em uma estrela na calçada da fama – cuidadosamente polida, mas logo ignorada e pisoteada. A imagem da estrela esquecida antecipa o destino da protagonista: a celebridade substituída, a mulher envelhecida relegada à margem. Logo na sequência, Elisabeth segura um globo de neve com ela em miniatura, que simboliza seu anseio por juventude e perfeição. Psicologicamente, ela está vazia e sozinha; demitida e sem apoio, Elisabeth sente que perdeu seu lugar no mundo. Mas que lugar foi esse? Será que, em algum momento, ela se apropriou de si mesma de uma forma mais “integrada”?

E, para mim, esse é o ponto. Como ela viveu antes? Como foi sua juventude? O que desta pobreza de vida atual reflete a sua vivência anterior? Onde estão os amigos? Família? A sua saída, a demissão, foi tão vazia quanto a sua vida?

A substância, que dá nome ao filme, é apresentada como um produto milagroso, capaz de devolver juventude, beleza e vitalidade. Ao aderir a ela, Elisabeth passa a dividir-se fisicamente: de seu corpo, surge Sue, uma versão jovem e sedutora de si mesma. Essa cisão literal remete à posição esquizoparanoide descrita por Melanie Klein, na qual o ego ainda é incapaz de integrar aspectos bons e maus do objeto (e de si), optando por idealizações ou perseguições extremas. Elisabeth se divide entre a imagem idealizada (Sue) e o corpo rejeitado (ela própria).

As duas versões de Elisabeth entram em conflito aberto: competem, sabotam-se e projetam uma na outra o que não suportam em si. Essa batalha interna impossibilita a entrada na posição depressiva, que implicaria a aceitação da ambivalência e a elaboração das perdas. A substância milagrosa vem para preen-

cher o seu vazio refletindo seu sofrimento psíquico: a promessa da substância é devolver-lhe vitalidade e reconhecimento num mundo que já não a valoriza. A substância é a ilusão de um renascimento, um modo de escapar do vazio interno que a desolava.

Só que o uso da substância tem uma regra: a cada 7 dias, é necessário voltar a si. Surgiu uma pergunta: por que sete dias? Uma associação que me veio foi a ideia das sete vidas do gato, esse animal místico, que parece sempre escapar da morte e renascer. Seria a substância como uma tentativa de “ter mais uma vida”? De fugir da finitude e da decadência do corpo real, como o gato que escapa da morte, renovando-se a cada queda?

Há também um lembrete: “Vocês são uma só, não podem fugir de si mesmas”. Embora dita no filme, essa regra não é realmente assimilada por suas mentes divididas. Em vez de aceitar-se integralmente, Elisabeth reforça a cisão interna – alimentando fantasias persecutórias contra si e contra Sue. Elas agem como duas pessoas distintas, competindo pela mesma identidade. Aparecem as projeções típicas da posição esquizoparanoide: cada uma vê na outra tudo que odeia em si própria. Sue sabota o ritmo combinado, fazendo com que a Elisabeth velha sofra envelhecimento rápido; Elisabeth, por sua vez, sente ódio da imagem sedutora de Sue.

Essa cisão contínua impede a entrada na posição depressiva de MK, na qual a pessoa, reconhecendo a ambivalência diante do objeto, consegue integrá-lo: entende que o outro (ou partes de si mesmo) é simultaneamente fonte de alegria e de frustração. Ali, passam a existir a culpa e o desejo de reparar o que foi “mau”. Em *A Substância*, porém, Elisabeth mostra incapacidade de chegar a esse estágio. Ela não consegue aceitar sua própria mudança nem a finitude do corpo jovem. Em vez de sentir culpa ou tristeza pela perda de juventude, Elisabeth reage com fúria e desespero – uma defesa típica da não integração da posição depressiva.

O filme, ao situar a narrativa no dia do 50º aniversário da personagem, aponta para a meia-idade como um marco de luto e reflexão. Segundo a psicanálise, esse é um período crucial que demanda elabo-

ração de perdas, reformulações de ideais e abertura à finitude. A juventude não retorna, mas pode ser integrada ao percurso de vida por meio de um trabalho psíquico que reconheça o valor do vivido e a complexidade do presente.

Em vez disso, Elisabeth resiste à finitude, à decadência e à dor da mudança, preferindo a destrutividade psíquica à integração. A fusão final entre as duas figuras – grotesca e sangrenta – não simboliza a síntese, mas a falência do eu fragmentado, culminando na sua aniquilação. A *Substância* denuncia, de forma escancarada, os ideais estéticos implacáveis impostos às mulheres, que prolongam o culto à juventude até seus limites mais extremos.

Estaria o filme assim tão distante da realidade? A linguagem exagerada e grotesca pode ser vista como estratégia estética para tornar visível um drama subjetivo frequentemente silenciado: o horror do envelhecer em uma cultura que recusa a mortalidade. Fica ressoando a pergunta: como lidamos com o envelhecer? Ou ainda, como é difícil lidar com o envelhecer!

É justamente por isso que o filme provoca em muitos tanto incômodo. Ele explicita, sem sutilezas, o quanto o narcisismo fragilizado frente ao tempo pode recorrer a defesas primitivas – negação, cisão, projeção – em vez de sustentar o luto necessário à

passagem do tempo. Envelhecer exige um trabalho psíquico contínuo de renúncia ao ideal inalcançável e de aceitação da própria história. Como lembra Quinodoz, é preciso “domesticar a solidão”, o que não significa suprimi-la, mas aprender a viver consigo mesmo de maneira mais integrada, menos fragmentada.

Como afirma Sêneca (2012), “a velhice aflige tanto os seus espíritos infantis, que chegam a ela despreparados e desarmados. [...] subitamente e sem estarem prontos chegam a ela, não percebendo que ficava mais próxima todos os dias”. A *substância*, nesse sentido, é menos um soro e mais uma alegoria da negação: uma resposta mágica ao luto inevitável do tempo, que cobra seu preço quando não aceito. No fim, resta a pergunta essencial: o que sustenta nossa identidade quando a imagem idealizada de si se dissolve?

Referências

KLEIN, Melanie. Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946–1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

QUINODOZ, Jean-Michel. Por que a psicanálise? Porto Alegre: Artmed, 2000.

SÊNECA. Sobre a brevidade da vida. Tradução de Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas e Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: LPM, 2012.

Conto

Dia dos Namorados

Vera Cardoni

Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA



— Tem que ser morena. Cabelos longos. Olhos castanhos e no máximo um metro e setenta. Em torno de vinte e cinco anos. Tenho preferência por uma que seja calma e carinhosa. Sim, alguma com seios grandes e que não tenha inibições. E o quarto precisa estar iluminado. Que venha com calcinhas pretas. Não, não precisa ser rendada, nem meias ou cinta-liga. É importante que tenha paciência e muita calma, como eu já expliquei antes. É isso. Nada mais. Por uma hora. Qual é o valor? Certo. Em quanto tempo chega a moça? Combinado. Aguardo.

Celina desliga o telefone. Esqueceu de pedir que a moça viesse sem perfume. Detalhe importante. Algo ligado a uma memória olfativa. Um truque que sempre ajudou nessas horas. Bem, a moça poderia tomar um banho antes e, se for como a encomendada, saberá entender os motivos. Sacode as almofa-

das de veludo e a manta que enfeitam o velho sofá da sala. Vestindo um avental longo e, com a tesoura de poda, Celina se encaminha para o pátio do antigo sobrado. Ali, o tempo é o das margaridas. Flores simples que ela e o marido semearam ao acaso no canteiro da entrada da casa, adquirida há mais de quarenta anos. É verdade que, ao longo do tempo, a casa passou por algumas reformas.

Mudou de cor, ganhou e perdeu paredes internas, conforme foram mudando as necessidades da família e do tempo. O jardim foi revestido com algumas lajotas para se tornar mais prático, mas o canteiro das margaridas ficou imutável e magicamente florido, como alguns sentimentos que acompanham, ao longo, a vida das pessoas. Muitas vezes, Celina enfeitou a casa com as margaridas desse canteiro. Espiou seus filhos fazendo *bem-me-quer, malmequer* com as péta-

das dessas flores e, principalmente, as viu reproduzidas e multiplicadas nas telas que o marido pintava. Todas que se espalharam pela casa, pelo escritório dele, no consultório dela. Outras desapareciam do cavalete, sem muita explicação, mas que logo pertenceriam às responsáveis pelas noites insônes dele. Coisas de seu marido menino, que ela sempre soube como levar. Às vezes no grito, às vezes no choro, outras no silêncio.

Celina recolhe várias margaridas. Entra na casa pela porta da cozinha e lá separa cinco buquês, que acomoda em quatro delicados vasos de cristal. Um a um, subindo pela escada que leva à parte íntima da casa, Celina os distribui no quarto do casal. Dois na cômoda em frente à cama e os outros dois nas mesinhas de cabeceira. No último trajeto, já com as pernas cansadas, carrega apenas uma braçada das flores. Estica bem as cobertas sobre a cama e, pacientemente, separando as flores do talo, Celina espalha as margaridas pelo cobertor azul.

O olhar vivaz do marido, perdido entre os alvos travesseiros, parece observar a movimentação. Sua respiração é fraca. O corpo miúdo e imóvel embaixo das cobertas denuncia a doença dos últimos anos. Doença que roubou muitas coisas dele, mas lhe aguçou o olhar, manteve seu sorriso e preservou alguns gestos nas mãos. Gestos que ela reconheceria em qualquer lugar do planeta. Detalhes que denunciavam existir, naquele corpo enfraquecido, a alma que ela sempre amou.

A campainha toca. Celina recolhe rapidamente os talos verdes das margaridas. Desce as escadas com cuidado. O esforço dos movimentos anteriores deixou seu joelho em frangalhos. O médico e os filhos bem que pediram que se mudassem para um apartamento melhor e menor, ou mesmo uma boa clínica, mas ela não quis. Teimosa, decidiu após a última e recente internação do marido, à revelia de todos, que voltaria com ele para casa. Já que não havia mais esperanças, montou a enfermaria no quarto do casal e, sozinha, se encarregou de todos os cuidados em seus detalhes. Cercado de tudo

de que gosta, ele ficou bem acomodado e estável, com significativa piora nessa manhã. Seria assim. Ela já sabia.

Celina abre a porta da casa. É a moça que, não conseguindo disfarçar a surpresa, pergunta se foi algum engano ou se ela tinha sido realmente chamada. Celina sorri. A moça reage simpática e vai entrando. Explica que não se sente muito à vontade.

— Mas posso indicar alguma colega mais adequada para a senhora. Quem sabe?

— Não, não, minha filha. É para o meu marido. Para ser franca, é algo diferente do que deves estar acostumada. Ele está muito doente. Talvez não passe desta noite, e eu queria fazer um último mimo para ele. Hoje é Dia dos Namorados, não é?

Celina puxa a moça pelo braço e sobem as escadas. No caminho, vai explicando que ela não precisa fazer nada de especial, mas que deve se despir lentamente na frente do seu marido. Que o quarto vai estar muito iluminado, porque é assim que ele gosta. Seria necessário que ela ficasse em pé, aos pés da cama, e que fosse girando lentamente o corpo. Talvez ensaiando alguma coreografia suave, mas que cuidasse para não pisar nas margaridas. Na porta do quarto, Celina inspira discretamente para conferir o cheiro da moça. Está adequado. Um leve perfume de sabonete seria mais oportuno, mas não há muito tempo.

Celina entra no quarto. Aproxima-se do marido. Acomoda os travesseiros para que o corpo fique reclinado. Alisa seus cabelos. Beija sua testa. Regula o soro, introduz um pouco de morfina, arruma o oxigênio. Aproxima-se do rosto do marido e suga, com ternura, seu lábio inferior por alguns segundos, gesto que fez ao longo dos anos. Ele sorri. Tem olhos brilhantes e moleques. Tenta com as mãos tocar o rosto de Celina. Ela comprehende e ajuda na carícia.

— Querido. Veio uma visita para ti. Disse que quer te mostrar uma coisa. Vou deixar que ela entre. Parece que te conheceu ontem, numa festa.

Celina pede que entre a moça. Diz que pode começar. Qualquer coisa estará no quarto ao lado.

Notícias

Comunidade, Cultura e a Jornada

No primeiro semestre de 2025, nossa Comissão pensou em atividades que estivessem relacionadas

ao tema da Jornada da Brasileira: Metapsicologia do trauma. Para tanto, organizamos os cursos sobre



Psicofarmacologia e Psicanálise e o excesso de telas e sua repercussão na vida da população em geral. Ambos os recursos servem como uma tentativa para acalmar o demoníaco que nos habita, e para investigar como a psicanálise pode explicar essa demanda oferecendo outros caminhos, mais longos, mas mais eficazes para o alívio das dores psíquica e somática.

Também conseguimos criar um curso que abordasse a literatura como via de expressão da subjetividade, coordenado por colegas psicanalistas e escritores. Seguindo nessa linha, escolhemos para a

Pré-Jornada um encontro que possibilitasse um debate com escritores, artistas e psicanalistas, favorecendo, assim, um elo entre a comunidade, a cultura e o entendimento psíquico: *A arte como meio de elaboração dos traumas*.

A Comissão da Comunidade e Cultura é formada pelas colegas Gabriela Morsch, Helena Surreaux, Kellen Anchieta, Luciana Schmal, Paula Sarmento Leite, Vera Regina Cardoni, Vera Hartmann e Rosa B. Santoro Squeff (Diretora).

As realizações do Instituto



Iniciando o 1º semestre letivo de 2025, o Instituto de Psicanálise da SBPdePA, alinhado com a temática da Jornada Científica de 2025, *Metapsicologia do Trauma*, trouxe o renomado psicanalista argentino Juan Eduardo Tesone, cujo tema foi *Uma dor sem sujeito: marcas disruptivas do psiquismo ressignificadas*. Tesone aponta que "o campo do traumático interroga de forma paradigmática o não representável, pondo em tensão o clássico dispositivo analítico de fazer consciente o inconsciente, deixando a descoberto que nesta clínica não é suficiente o levantamento da repressão para que algo anímico se torne mnêmico. A vivência traumática, em certas ocasiões, gera um vazio de figurabilidade que aspira toda forma de representação possível". Ainda ressaltou Tesone, nesta conferência, a importância da clínica do traumático, a qual mantém o analista vivendo entre dois polos, uma ciência conjectural e uma *poiesis*, e do quanto é vital a atenção aos modos em que o sujeito aparece, por exemplo, por meio da entonação harmônica ou dissonante de sua voz, que serviriam como fendas para encontrar este sujeito, mais do que o "enunciado imóvel petrificado emocionalmente".

Após a conferência, oportunizou-se a discussão de um material clínico trazido por Aurinez Rospide

Schmitz, Membro do Instituto, no qual o Dr. Tesone evidenciou seu pensamento clínico. Logo após, tivemos um almoço de confraternização e de boas-vindas aos novos membros do Instituto da SBPdePA, promovido pela AMI, o qual teve uma intensa adesão, evidenciando a vitalidade institucional.

Iniciaram os seminários, em março de 2025, os seguintes membros do Instituto: Adriana Accioly, Edna J. Silva, Ezequiel de Cândido Amaral, Felipe dos Santos Paz, Gabriela Luz, Laura S. Sacchet Jaskulski, Lisiâne Alvim Saraiva Junges, Luísa Pinheiro Deves, Manoela da Costa Haag, Roberta Sirangelo Machado e Thaís Alves Ghenê. No mês de junho, tivemos o seminário aberto, em uma parceria da Comissão Ubuntu e do Instituto de Psicanálise da SBPdePA, tendo como temática *Desastres Ambientais – Medo e Esperança*, no qual contamos com brilhantes apresentações de Luís Alberto Oliveira, físico e doutor em Cosmologia, Renato Trachtenberg, membro titular da SBPdePA, Maria Luiza Gastal, psicanalista da SPBSB e membro do comitê de Clima da IPA e Jefferson Cardia Simões, professor da UFRGS. Iniciarão os seminários, em agosto de 2025, os novos membros do Instituto que são: Andrea H. Cardoso Zelmanowicz, Karen Pimentel, Rosana Rossatto e Vinicius C. Noschang.

Em 09/08/25, teremos a aula inaugural do 2º semestre com a participação de Arnaldo Chuster, membro efetivo e didata da SPRJ e membro do Newport Psychoanalytical Institute, autor de inúmeros livros em psicanálise. O tema da conferência será *As diferenças em Bion* e, logo após, haverá uma discussão clínica para o público interno, com material clínico apresentado por Ursula Krug, membro do Instituto. Em seguida, haverá um almoço de confraternização e de boas-vindas aos novos membros do Instituto, organizado pela AMI.

Em setembro, teremos o seminário aberto do segundo semestre, cujo tema será *Identificações*, contando com a prata da casa! Em 8/9, teremos *Identificação em Freud* por Gley Costa; em 15/9 *Identificação em Freud* com Lores Meller; em 22/9, *Identificação em Melanie Klein* com Gildo Katz e, em

29/9, *Identificação em Meltzer* com Renato Trachtenberg.

A Diretoria do Instituto, composta por Ana Rosa Chait Trachtenberg (Secretária), Cynara Cézar Kopitke (Comissão de Formação), Silvia Katz (Comissão de Seminários), Esther Litvin (Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência) e Vera Maria H. Pereira de Mello (Diretora), vem trabalhando intensamente para que a Formação Analítica em nossa Sociedade siga cada vez mais aprimorada, consolidando-se como um espaço rico em construção e respeito a um pensamento plural. Desejamos a todos um excelente semestre!

(Vera Maria H. Pereira de Mello, diretora do Instituto de Psicanálise da SBPdePA)

CAP: mais atendimentos

O Centro de Atendimento Psicanalítico – CAP mantém atividades ininterruptas ao longo do ano e conta com um grupo de 40 membros. Desde janeiro até o momento, recebemos diversas solicitações de tratamento. Seguimos o regulamento que define o modo como o psicanalista da vez, conforme nossa listagem, receberá o novo paciente. A cada ano, renovamos o grupo, recebendo novos participantes os quais logo se integram nas atividades regulares nos grupos com reuniões *on-line* e presenciais.

A finalidade do CAP é a de auxiliar os membros da Brasileira na sua formação e, por esse motivo, aqueles que necessitam de pacientes para supervisão têm o privilégio de serem os primeiros a receber encaminhamento. É muito fácil se agregar ao CAP, bastando enviar a manifestação de interesse e assistir às reuniões mensais. Nesses encontros, que são predominantemente virtuais, repassamos o trabalho realizado e a seguir discutimos um caso clínico. Mantemos também grupos de WhatsApp para troca de informações de modo contínuo e atualizado.



José Ricardo Pinto de Abreu, diretor do CAP



Caroline Petroli, coordenadora



Gabriela Morsch, coordenadora



Jeanete Sacchet, coordenadora

Temos observado que podemos oferecer mais atendimentos. Isso nos levou a aperfeiçoar a divulgação. Recentemente, produzimos um novo vídeo a ser publicado no site. Também discutimos sobre modalidades para alcançar o público-alvo, o qual poderia se beneficiar de atendimento psicanalítico de qualidade a valores acessíveis, praticados bem abaixo do mercado. Temos uma funcionária treinada

a receber os novos contatos e encaminhá-los sem demora.

Nos encontros mensais, discutimos casos clínicos, observando todos os cuidados éticos de sigilo e privacidade, enriquecidos com trocas clínicas e científicas. Nessas reuniões, coordenadas pelo Diretor do CAP, participam o apresentador, habitualmente um colega em formação, que oferece material de sua escolha, e um comentarista, psicanalista experiente que nos brinda com conhecimento e habilidade clínica. O compartilhamento em grupo, as trocas em clima aberto e afetivo são muito estimulantes. A última reunião clínica foi estendida para todos os membros da Brasileira, uma experiência muito positiva e que será repetida em outras oportunidades.

Apresentamos a seguir nosso calendário de reuniões, na expectativa de que todos os interessados, em particular os novos membros da Brasileira, se juntem ao nosso trabalho. Todavia, todos os membros a Brasileira estão convidados a participar, bas-

tando solicitar o endereço da reunião. Bem-vindos, compareçam, participem!!

Calendário

27/03 Quinta-feira: Primeira reunião anual, planejamento.

24/04 Quinta-Feira: Apresentação de caso clínico Rosa Dal Bó; comentarista Tamara Ferreira.

28/05 Quarta-Feira: Apresentação de caso clínico Ana Maltchik Lewin; comentarista Vera Mello.

25/06 Quarta-feira: Apresentadora Ana Elisa Hallberg; comentarista Janine Severo.

Próximos encontros: 31/07 (quinta); 20/08 (quarta); 25/09 (quinta); 29/10 (quarta); 27/11 (quinta); 18/12 (quinta).

AMI: eventos e novos membros

O primeiro semestre foi marcado por encontros significativos na AMI, reafirmando o compromisso com a formação psicanalítica e o fortalecimento dos laços institucionais. Abrimos o ano com a Aula Inaugural do Instituto de Psicanálise da SBPdePA, no dia 15 de março, com a conferência *Uma dor sem sujeito: marcas disruptivas no psiquismo ressignificadas*, ministrada por Juan Eduardo Tesone. O evento híbrido reuniu membros e convidados em um espaço potente de reflexão, seguido por uma discussão de material clínico e momento de convivência.

Com entusiasmo, acolhemos os novos membros que ingressaram neste ciclo formativo: Adriana Acioley, Edna Cláudia Jorge da Silva, Ezequiel de Cândido Amaral, Felipe dos Santos Paz, Laura S. Sacchet Jaskulski, Lisiâne Alvim Saraiva Junges, Luisa Pinheiro

Deves, Manoela da Costa Haag, Gabriela Souza da Luz, Roberta Sirangelo Machado e Thaís Alves Ghênes. Em maio, nossa sede teve a honra de sediar o 4º Regional Misto da ABC (Associação Brasileira dos Candidatos).

Com o tema *Desafios da Formação*, o evento contou com transmissão on-line e participação nacional. Destacamos, com alegria, a presença da analista dirigida da SBPdePA, Silvia Skowronsky cuja escuta qualificada enriqueceu as discussões e as trocas entre os candidatos. As assembleias mensais da AMI continuam sendo espaços de troca pulsante, com alta participação e debates produtivos, que fortalecem o coletivo e impulsionam o percurso formativo. Seguimos comprometidos com uma formação viva, ética e profundamente implicada com a psicanálise.



Visita à sede



No dia 28 de março, recebemos em nossa sede Ana Clara Gavião, psicanalista da SBPSP, Diretora Científica da Febrapsi e atual coordenadora do grupo de trabalho da **Microscopia da Sessão Analítica**. Nos moldes do que acontece nos Working Parties dos congressos de psicanálise, tivemos um dia de trabalho agradável e profundo com um grupo de colegas da casa.

Na Microscopia da Sessão Analítica — método desenvolvido pelo falecido psicanalista Roosevelt Cassorla — o trabalho do grupo é considerado **“um campo de sonho”**, que se fertiliza por meio do material clínico apresentado. O grupo trabalha por várias horas com o intuito de aprofundar o pensamento clínico, podendo inferir tanto sobre

o material apresentado quanto sobre o que surge das associações do próprio grupo. Trata-se de uma técnica de trabalho que ajuda os psicanalistas a se conectarem com aquilo que, muitas vezes, não se consegue descrever com palavras.

Agradecemos à Marcela Pohlmann (AMI) pela gentileza de compartilhar conosco seu material clínico, e aos colegas, pelo mergulho no associar livremente e no sonhar em conjunto.

Atualmente, o grupo do Working Party é formado pela coordenação de Ana Clara Gavião (SBPSP) e das colegas Adriana Nagalli de Oliveira (SBPCamp), Cibele Formel Couto (SBPDepa), Claudia Carneiro (SBPSB), Luciana Torrano (SBPRB), Maria Roseli Galvani (SBPCamp).

Representações SBPdePA

Denise Zimpek

Membro titular da SBPdePA

Agradecemos a participação de nossos membros que representam a SBPdePA em outros fóruns importantes da psicanálise brasileira, latino-americana e internacional.

ILAP

Helena Surreaux é atualmente diretora de admissão e formação do ILAP (Instituto Latino-Americano de Psicanálise), uma entida-

de vinculada à FEPAL e à IPA, que organiza a formação psicanalítica nos moldes da IPA em países onde não há sociedades estabelecidas. Atualmente, o Instituto atua na Bolívia, Equador, Porto Rico, El

Salvador, Honduras, Nicarágua e Guatemala. A função de Helena é coordenar, intermediar e facilitar o acesso à análise e supervisão nesses países de menor poder socioeconômico. Helena está em seu último ano de gestão, após quatro anos de atuação.

COFAP/IPA – COMITÊ DE PSICANÁLISE DE CASAL E FAMÍLIA

As colegas Ângela Piva, Ester Litvin e Rosa Avrichtir participam ativamente desse comitê. Entre as atividades realizadas estão: coordenação do curso *Violência Vincular – 2024*, coordenação de seminários de supervisão clínica, participação no comitê organizador do Congresso Internacional de Psicanálise de Casal e Família.

Comitê de Casal e Família da FEPAL: Ângela Piva e Rosa Avrichtir participam nas reuniões do comitê de 2024 e estão envolvidas na organização de oficinas com membros do Núcleo de Vínculos da SBPDEPA. Ester Litvin também atua na COCAP América Latina como delegada FEPAL do comitê de crianças e adolescentes.

COMISSÃO DE TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE DA FEPAL

Denise Zimpek representa a SBPdePA nessa comissão, que se

reúne quinzenalmente. Atualmente, a comissão promove uma atividade interinstitutos na América Latina sobre os critérios de ingresso de novos membros. As reuniões envolvem diretores de institutos, membros da comissão de avaliação de ingressos e representantes de diferentes sociedades. Essas ricas trocas serão posteriormente compiladas em um relatório.

CONSELHO DIRETOR DA FEBRAPSI

Susana Chinazzo é nossa representante como secretária científica, responsável, junto à diretora Ana Clara Gavião pela grade científica do Congresso Brasileiro.

COMISSÃO DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DA FEBRAPSI

Paula Sarmento Leite compõe essa comissão, que se reúne mensalmente na última quinta-feira do mês, com colegas de várias federadas. Entre as atividades estão a organização de um simpósio anual, a construção de uma mesa no congresso brasileiro ou latino-americano, e outras iniciativas relacionadas à divulgação do trabalho com crianças e adolescentes. No momento, está em andamento a organização de um livro com os trabalhos de simpósios anteriores.

COMISSÃO DE PSICANÁLISE DE CASAL E FAMÍLIA DA FEBRAPSI

Patrícia Goldfeld e Denise Zimpek participam dessa comissão, que se reúne quinzenalmente. Composta por representantes de várias federadas, a comissão trabalha com casos clínicos e teoria vincular. Atualmente, estão preparando cursos e mesas para o Congresso Brasileiro.

COMISSÃO CLÍNICAS SOCIAIS DA FEBRAPSI

Katya Araújo nos representa nessa comissão, uma atividade nova da FEBRAPSI. Katya também compõe a Comissão Editorial da Revista Brasileira de Psicanálise.

COMITÊS DO 30º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

Nossos membros estão engajados nos comitês locais para organizar, junto a colegas das de mais três federadas e à diretoria da FEBRAPSI, o Congresso Brasileiro que acontecerá em outubro deste ano, em Gramado. Comissão Social e Cultural: Luciana Schmal e Carmem Prado. Comissão de Patrocínio: Katya Araújo. Comissão de Divulgação: Siana Cerri, Heloísa Zimmermann e Denise Zimpek. Vice-presidente: Denise Zimpek.

Movimentações na Sociedade

Na sede da SBPdePA - 2025/1

Passaram a membros associados:

Gabriela Seben, Renata Bulcão Manica e Thércio Andreatta Brasil.

Passou a membro titular com função didática plena:

Aline Pinto da Silva.

Ingressos como membros do Instituto - 2025/1

Adriana Accioly, Edna Cláudia Jorge da Silva, Ezequiel de Cândido Amaral, Felipe dos Santos Paz, Laura S. Sacchet Jaskulski, Lisiâne Alvim Saraiva Jungenes, Luisa Pinheiro Deves, Manoela da Costa Haag, Gabriela Souza da Luz, Roberta Sirangelo Machado, Thaís Alves Ghenês.



SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de
Psicanálise de Porto Alegre